

## Coisas que aprendi com Zygmunt Bauman

RAFAEL BIANCHI SILVA\*

### **Resumo:**

O presente artigo faz uma retomada do caminho de formação de pesquisador realizado a partir das experiências com as leituras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para tanto, é realizada uma breve discussão em algumas das ideias, conceitos e métodos realizados pelo autor, para que ao longo da descrição realizada, fosse possível observar de que modo a relação com o autor propiciou novos olhares acerca da produção de subjetividade no contemporâneo enquanto pesquisador no campo da Psicologia.

**Palavras-chave:** Psicologia; Zygmunt Bauman; Experiência Formativa.

### *Things I learned with Zygmunt Bauman*

### **Abstract:**

This article makes a return of researcher training conducted from the experiences with the readings of the polish sociologist Zygmunt Bauman. Therefore, it's made a brief discussion about some of the ideas, concepts and methods performed by the author, so that throughout the description, it have been possible to observe how the relationship with the author led to new views about the subjectivity production in contemporary while researcher in the field of psychology.

**Key words:** Psychology; Zygmunt Bauman; Formative Experience.



\* **RAFAEL BIANCHI SILVA** é Doutor em Educação pela Unesp/Marília. Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPI/UEM).



O objeto desse artigo é retomar um caminho experiencial acerca de minha relação com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para isso, busquei realizar uma escrita que deixasse transbordar não apenas uma sequência de ideias desenvolvidas pelo autor, mas principalmente, de que modo que essas se articularam em um caminho de formação.

Entendo que essa experiência de constituição enquanto pesquisador, mais do que demonstrar um contínuo que tendem a formar um todo organizado, são rupturas de um algo anterior, potencializando novos modos de sensibilizar-se com o mundo,

formulando novas questões e diferentes formas de atuar sobre as mesmas.

O primeiro contato com Bauman aconteceu quando ainda era aluno do mestrado em educação ainda em 2007. Desde aquela época, ouvia entre meus colegas uma série de comentários que desvalorizavam as ideias do autor, indicando, por exemplo, a sua propensão para qualificar tudo o que existia no mundo como “líquido”. Somado a isso, afirmava-se que ele não tinha uma teoria que explicasse os fenômenos investigados, minimizando categorias clássicas – como a de “trabalho” – o que, por sua vez, diminuiria sua importância enquanto

possível teórico que pudesse fornecer elementos práticos para a atuação docente.

Foi nesse contexto que realizei uma leitura curiosa do livro “Identidade” (2005) que, de modo surpreendente na época, trouxe um olhar bastante interessante sobre o que chamamos de “eu”. De algum modo, a identidade pautada pelo movimento não era uma ideia nova para mim, já acostumado com o discurso teórico desenvolvido pela teoria sócio-histórica. Porém, nesse momento, a leitura de Bauman abriu uma nova gama de autores que debatiam o assunto (como Stuart Hall, por exemplo) dentro de uma perspectiva diferente que englobava o contexto atual e suas problemáticas.

Naquele momento da pesquisa que vinha realizando, buscava alternativas para o modelo escolar rígido, de modo que as reflexões de Bauman sobre a fluidez identitária, pareciam ser muito pertinentes para a construção de uma visão de subjetividade que pudesse fugir de padrões de conduta estereotipados próprios da instituição disciplinar materializada na escola.

Algum tempo depois, em viagem a Buenos Aires, me deparei em uma grande livraria da cidade, com uma quantidade expressiva de livros do autor. Trouxe vários na mala ao retorno ao Brasil, dentre eles, “Amor Líquido” (2009a) e “Mundo Consumo” (2010a). Esses dois volumes, me levaram de encontro a problemáticas referentes às relações humanas e seus impactos para a produção de subjetividade em um contexto marcado pela lógica do consumo. Além disso, possibilitaram uma primeira aproximação com reflexões sociológicas que discutiam o papel do social na constituição humana sem necessariamente tomar como perspectiva principal uma análise de

cunho marxista (o que poderia ser encontrado, por exemplo, na Psicologia Sócio-Histórica).

Paralelamente a este processo, foi nesse mesmo contexto que entrei em contato com o belíssimo a “A Arte da Vida” (2009b), livro que provocou a problematização inicial para a proposta de pesquisa do doutorado. Em seu apêndice, ao final da obra, Bauman faz uma breve comentário sobre a amizade indicando a ela um importante papel para os indivíduos que vivem no contexto contemporâneo, apontando que ela seria uma ilha, um lugar de calma, um porto seguro em meio a um mar de incertezas e instabilidades.

De que forma a amizade poderia ocupar esse lugar em um contexto no qual a solidariedade e a confiança, elementos fundamentais para relações afetivas mais densas, encontrando-se tão fragilizadas? Como a educação escolar poderia contribuir tanto para o fortalecimento desse tipo relacional em vista de um contexto propenso à rarefação?

Enquanto professor, possuía relações com meus alunos, mas muito longe de algo que pudesse ser chamado de amizade. Observava que um certo distanciamento era necessário, mas este não poderia ser tão grande, para que pudesse deixar em primeiro plano um espaço de trocas que confluíam para uma relação pedagógica minimamente construtiva.

Tais incômodos levaram para um estudo sistemático da obra de Bauman ao longo de quase três anos de pesquisa. Inicialmente o que ficou clara a sua capacidade em construir um mapa acerca do cotidiano de modo que ao final da leitura de cada produção realizada pelo autor, termos em mãos

um pequeno diagnóstico acerca da questão investigada.

Ao final do processo, pude perceber que ele não possuía uma teoria sobre a amizade, mas que suas análises poderiam me levar uma compreensão diferenciada acerca da mesma a partir de sua interface com a questão do amor, o debate sobre a ética, além de pensar desdobramentos políticos e os lugares que pode vir a ocupar na esfera educativa.

Além disso, também pude entrar em contato com uma série de outros autores com quem Bauman dialoga em seus textos, possibilitando um encontro inicial com seus ideias ou mesmo trazendo um novo olhar acerca de temas os quais já tinha tido algum conhecimento anterior. Foi assim que me reencontrei com Richard Sennett, Norbert Elias, Hannah Arendt e tive primeiro contato com algumas ideias de pensadores como Max Weber, Emanuel Levinas e Ulrich Beck.

Ainda que os estudos fossem de uma área diferente de minha formação inicial, sem dúvida alguma tal processo trouxe impactos significativos para o meu pensar e investigar enquanto psicólogo. Em um campo no qual é comum encontrar-se com leituras universais e naturalizantes da subjetividade (que acabavam por enquadrar as relações humanas), a complexificação da análise acerca de tais questões colocava-se a mim como algo imperativo. A aproximação com a Filosofia – durante o mestrado – e com a Sociologia – ao longo do doutorado – teve como objetivo realizar a tarefa de ver o fenômeno humano com um olhar diferenciado daquele que se mostrava ao longo do caminho formativo dentro desse modelo de Psicologia.

Ainda que sempre tenha buscado alternativas ao modelo hegemônico apontado acima, não me sentia muito confortável com leituras permeadas por exemplo, por discursos como a luta de classes (ainda que não o despreze). Parecia ser uma mera substituição de uma explicação mentalista para outra que conferia a macroestrutura um papel de determinação total às relações humanas.

Nesse aspecto, ao me deparar com o modo com que Bauman realizava as suas análises do homem de nosso tempo, pude perceber que acima de tudo, a Psicologia não se constitui apenas como campo explicativo-causal e que talvez, no fundo, isso não fosse o elemento mais importante. Por essa razão, não fazia muita diferença se ele tivesse ou não realmente um sistema teórico acabado. O que importava era a capacidade de sintetizar e sistematizar os fenômenos a partir de práticas diárias que mostrassem o modo que vivemos e as consequências de tais escolhas.

Assim, o que parece realmente fundamental é conseguir realizar um enfrentamento acerca dos efeitos de uma série de atravessamentos dispersos que atingem, dia a dia de modo não linear, porém sempre operante, as diferentes camadas e grupos sociais, influenciando de forma direta e incessante a produção de si (o que inclui como pensamos e as razões pelas quais agimos). Mais do que isso, construir estratégias de enfrentamento a estes modos hegemônicos, o que somente pode ser possível através da potencialização de novas formas de vida.

Assim, compreendi porque a descrição de eventos aparentemente banais ganhavam nas análises do autor lugar de destaque. Desde as confissões televisivas acerca dos problemas

sexuais conjugais (como expresso no início das “44 Cartas sobre o Mundo Líquido”, 2011a) ou dados sobre o crescente endividamento de jovens que não possuem renda para comprovar (em “Capitalismo Parasitário”, 2010b), mostram que diferentes práticas presentes em nosso cotidiano estão interligadas no mundo contemporâneo de modo a construir um mosaico no qual o sujeito se localiza.

Desse olhar atento, Bauman constrói suas análises, que como ele mesmo pontua em “Vida para o Consumo” (2008a), possuem íntima relação com o conceito de tipo ideal de Max Weber. Ou seja, pinçar da realidade categorias que propiciam um melhor entendimento dos processos vigentes, sem serem, porém, definitivas, e sempre passíveis de revisão e reconstrução.

Esse processo fica claro, por exemplo, na justificativa pelas quais não prefere não utilizar o termo pós-modernidade. No prefácio de “Legisladores e Intérpretes” (2010c), pontua que as transformações que tem observado nas relações do homem com o mundo (o que inclui outros homens) não se configuram enquanto uma ruptura total dos valores modernos. Estes tornaram-se mais fluídos e instáveis, porém, ainda sob o fantasma da ordem e da liberdade, elementos tão importantes para a sustentação do que chamamos de modernidade.

A imersão no conceito de mundo líquido-moderno – expressão que vem sendo utilizada por Bauman para qualificar as características do contemporâneo – mostra que muito mais do que um termo criado para explicar todo e qualquer fenômeno, trata-se de uma categoria mutante a qual o autor testa seus limites ao empregá-la como elemento de investigação em uma série de objetos de análise, seja o medo,

o amor, a economia, as relações pais e filhos, entre outras.

O termo “liquidez” nos mostra, em sua polissemia, uma relação complexa que aponta possíveis origens e efeitos: de um lado, ela caracteriza uma série de fenômenos; por outro, mostra a fragilidade humana derivada destes, que ao mesmo tempo que os mantém, também busca alternativas para (sobre)viver neste contexto.

Como nos mostrou na Introdução do livro “Tempos Líquidos” (2007), o fenômeno da liquefação não mostra apenas os limites da modernidade, mas principalmente, os efeitos da sua radicalidade. A busca de maior liberdade que levou ao questionamento e a construção de práticas que colocaram em questão as instituições de administração da vida (como o Estado, a Igreja, etc.), levaram a ascensão de novos senhores que formam uma rede de controle muito mais sutil, ainda que paradoxalmente, mais imperativo, sendo o consumo e o poder de sedução operado pelo mercado uma dessas esferas. Entendo que é nesse contexto que o homem contemporâneo se encontra.

Vejo que, de certo modo, as análises de Bauman nos colocam em frente a uma encruzilhada. De um lado, a sociedade de consumidores como expressão de um modo operante pautado pela lógica de custo-benefício atrelada a busca de satisfação/felicidade a todo custo. De outro lado, como seria possível sobreviver a esse contexto senão jogando com as regras por ele colocadas.

É nisso que encontramos certa ambivalência. A arte de viver por ele colocada – ainda que de forma descritiva – caracterizada pela necessidade de recriar-se (o que inclui,

por exemplo, a ideia de “identidade cabide”) como modo de potencializar ações singulares, também pode ser a base para o imperativo da flexibilização característica tão disseminada, por exemplo, no mundo do trabalho (ver o capítulo III do livro “Modernidade Líquida”, 2001), e que retira do homem fundamentos minimamente sólidos acerca da sua forma de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, aprendi com Bauman que, enquanto investigadores do presente, estamos submetidos às contradições e paradoxos de nosso tempo e que a busca por respostas definitivas podem acabar por nos levar a um retorno às metanarrativas (ou grandes explicações acerca da realidade), podendo recair em uma leitura ingênua dos fenômenos investigados.

Compreendo neste ponto a necessidade metodológica do autor de, a todo o momento, contrapor ideias que aparentemente poderiam surgir como respostas para os problemas apresentados. Ao mesmo tempo em que evita-se um “fim da história” (ou seja, respostas definitivas às questões colocadas), também corre-se o risco de parecer um tanto quanto pessimista ou apocalíptico (tese que Bauman refuta em diferentes momentos como na entrevista a Pallares-Burke de 2004).

Retomando o debate sobre as formas de vida preconizadas no mundo líquido-moderno, esses fundamentos do viver tão disseminados pelas instituições modernas de cunho disciplinar, de certo modo, já eram elementos forjados para a manutenção de certo ordenamento. É assim que Bauman, indiretamente acaba fazendo uma análise das instituições sociais (como por exemplo, o casamento e o sistema jurídico), denunciando que este processo de

tamponamento não tem mais funcionado sem que a válvula da panela de pressão esteja trabalhando incessantemente.

É dentro dessa perspectiva que o autor faz a crítica da política social de nosso tempo, em especial, a chamada de “bem estar social”. Em “Danos Colaterais” (2013a), afirma que trata-se de uma artimanha que mascara o abismo entre as classes sociais já que se trata de ações políticas voltadas aparentemente a melhoria das condições de existência, sem porém, modificar a dinâmica de um capitalismo que massacra a maioria dos viventes em prol da manutenção do lucro de alguns poucos.

Mudando de tema, sem porém, mudar o tom de denúncia, Bauman mira nos discursos que defendem a valorização das multiplicidade de culturas. Aponta que mesmo vendo importância de dar voz a pluralidade de expressões, no contexto líquido-moderno, como estabelecer parâmetros acerca do papel político, dos desdobramentos éticos e dos efeitos de verdade de tais discursos. Em um dos artigos publicados em “A Cultura no Mundo Líquido-Moderno” (2013b) remonta à Teoria Crítica e a dialética negativa como forma de manter tal debate aberto, buscando não recair em um fundo moralizante em defesa em ideias pré-concebidas/dominantes/hegemônicas de uma cultura pretensamente superior.

Por fim, pude aprender com Bauman a importância de observar os modos com que lidamos com a diferença. Essa é uma das questões às quais pude me debruçar por bastante tempo durante o doutorado e que continua a ser algo que toma a minha atenção. Apostei na ideia de que para construir uma relação de amizade com o outro é necessário acima de tudo dar conta, de alguma forma, da diferença existente.

O que temos feito no contexto contemporâneo é um sistemático processo de afastamento do diferente. As cidades são construídas de modo a que os encontros com aqueles que me são estranhos tornem-se não impossibilitados, fugidios. O outro é a materialização da diferença que gera estranheza e mal-estar.

O que é o outro? É o imprevisto. Em um mundo marcado pela necessidade de controle e administração de variáveis, a existência de algo que foge e não se submete a tais prerrogativas é assustador. É nessa direção que o termo “estranho” ganha destaque. Bauman aponta em diversos momentos de sua obra (como por exemplo, em “Amor Líquido” ou “O Mal-Estar na Pós-Modernidade”, 1998) que é impossível ficar longe disso. O tempo todo nos deparamos com estranhos. Esse desconhecido que aparece em minha frente, que me impele a ação (de aproximação ou afastamento), nos coloca em um jogo repleto de dilemas que conflui para a necessidade de aprender a viver junto.

Tal responsabilidade é expressa por Bauman a partir da ética radical de Levinas, discussão realizada de forma belíssima, no capítulo II do livro “Vida em Fragmentos” (2011b). Ser responsável pelo outro torna-se questão fundamental. Deparar-se com a face do outro e reconhecer a sua fragilidade nos coloca um imperativo moral expressado pela ideia de cuidado. Pela condição de reciprocidade, mantém-se uma mútua dependência que confere sentido à tal relação.

Dessa forma, não basta estar com o outro, mas sim, ser-para o outro. Esse termo é muito importante porque nos mostra que estar ao lado do outro não significa necessariamente um ato moral. O ser-para confere uma atitude

diferenciada pois aponta para a condição de viver-com-o-outro, dividindo alegrias, tristezas, conquistas, dificuldades, atravessadas pela situação de negociação e diálogo.

Entendo que tal posição é um movimento de resistência às formas de vida que impelem os viventes de nosso tempo em relações um tanto quanto superficiais. Essa fragilidade pode ser vista, por exemplo, a partir das formas de inserções nas redes sociais. As novas tecnologias pode propiciar o aumento do número de relações, porém, não necessariamente garantem que a densidade das mesmas. Bauman aponta, por exemplo, que toda relação iniciada no mundo *online* precisa passar pelas ambivalências do mundo *offline*.

Porém, retomo aqui a ideia de que essa passagem trata-se de uma escolha, termo usado por Bauman em “A Arte da Vida”. Este processo pode ser resumido em voltar-se para dentro ou realizar um movimento de relacionar-se com o que está fora. Em outros termos, fechar-se em si mesmo em uma posição próxima ao narcisismo, ou abrir as possibilidades e potencialidades da relação com o outro.

É nessa tensão entre o centrípeto e o centrífugo que buscamos localizarmos na sensação de ambivalência e incertezas presente no mundo contemporâneo. Ela é expressa por Bauman em diferentes momentos de sua obra (como por exemplo, “Vigilância Líquida”, 2014) em outros dois termos diferentes que apontam posições que podem ser tomadas quanto ao diferente. O primeiro deles, amplamente discutido pelo autor, é chamado de mixofobia e aponta o medo de misturar-se. Uma de suas materializações é a construção de vínculos entre iguais que, de certo modo, escondem a dificuldade de conviver com o outro.

Essa é, essencialmente, a lógica de viver de comunidade. Estar próximo àquele que possui traços de identidade em relação a mim, deixa afastado o fantasma do estranho, do diferente. Isso não significa, porém, como sabemos, eliminá-lo. Se observamos na história, houve momentos em que as comunidades geraram formas/tecnologias de eliminação do outro, vide, por exemplo, os campos de concentração. Porém, não podemos imaginar que esse modo de vida está tão distante. Bauman aponta (em livros como “Comunidade”, 2003) que reproduzimos esse modo de vida no cotidiano, seja morando em lugares que julgamos mais seguros, seja nos relacionando em grupos fechados e formados a partir de laços imagéticos e fugidios.

A segunda posição, chamada de mixofilia, poderia ser traduzida como “amizade à diferença”. Um tipo de relação que implica em proximidade, respeito e cuidado, própria do ser-para, conforme descrito anteriormente. Claro que não se trata de uma tarefa simples até porque vivemos em um tempo no qual somos bombardeados com uma série de discursos que disseminam o medo em relação aos outros (ver, por exemplo, as análises realizadas em “Medo Líquido”, 2008b).

Assim, não é uma fórmula simples de ser aplicada ou mesmo um código ético universal (aqui em contraposição à moral, seguindo o modo tratado por Bauman, expresso em “Ética Pós-Moderna”, 1997 e “A Arte da Vida”). Entendi tratar-se de um exercício que precisa ser realizado ao longo da vida que não se configura como tarefa fácil, porém, que pode trazer o que o autor chamou de “prazer dos prazeres” (2009b), o prazer derivado da relação com outras pessoas.

Claro que poderia avançar nessa série de elementos ou mesmo destacar outros temas presentes nos livros do autor. Porém, o que gostaria de destacar ao final desse artigo-depoimento é que mesmo Bauman realizando um grande diagnóstico do presente (traço que, conforme Donskis aponta no prefácio de “Cegueira Moral” - 2014 - o define como um filósofo do cotidiano), o que me interessa saber é como as pessoas vivem a partir desse território existencial. Mais do que reagir aos vetores que as atravessam, entendo ser importante ver como agem de modo singular construindo novas formas de ser no mundo, configurando-se em uma ontologia.

Esse é um ponto sensível em meu caminho como pesquisador porque parece perpassar meus questionamentos desde o princípio, seja buscando lampejos de autonomia em um contexto tão disciplinador como a escola ou acompanhando a construção de modos relacionais como a amizade. Acredito que Bauman me auxiliou nesse caminho que segue não mais a partir dele, mas com ele em novas aventuras.

#### Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Mal-estar na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

\_\_\_\_\_. **En Busca de la Política**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido**: Acerca de la Fragilidad de los Vínculos Humanos. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009a.

\_\_\_\_\_. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Mundo Consumo**: Ética del Individuo em La Aldea Global. Buenos Aires: Paidós, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e

intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010c.

\_\_\_\_\_. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Vida em Fragmentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Danos Colaterais**: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro, Zahar, 2013a.

\_\_\_\_\_. **A Cultura no Mundo Líquido-Moderno**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Tempo social**. vol.16, n.1. p. 301-32, 2004.

Recebido em 2015-10-25

Publicado em 2015-11-14